

## *Capítulo 27*

### *A humanização do mercado*

A globalização posta como está é desumana. Os homens que constroem arranha-céus, que descobrem valores novos no campo da tecnologia surpreendê-nos com inventos cada vez mais espetaculares; que impõem a criatividade poderes inimagináveis, não conseguem reinventar-se quando diz respeito à condição humana. Por mais que acordos internacionais sejam assinados nas diversas esferas de atuação, o homem tem sido incapaz de criar formas interessantes de gerenciar as incríveis distorções que ainda grassam na humanidade provocadoras da fome, da miséria, da desigualdade, da infelicidade do próprio homem. Digo infelicidade porque o mundo é um só, não há como separá-lo em partes como muitos o fazem. Tudo interage entre si mesmo aquilo que não conseguimos perceber com os nossos olhos físicos.

A Terra sempre possuiu movimentos de integração. Parece que faz parte da natureza humana a integração entre os povos e isto é muito salutar. É um encontro de irmãos. Na verdade, o ser humano é ser humano em todo lugar. Não há rejeição, por mais conservadora que seja uma comunidade, de realizar trocas a fim que cada um, pelo seu lado, saia ganhando. Pois bem, com o fenômeno da chamada globalização não é diferente, é a oportunidade de

integração da humanidade em escalas jamais imaginadas pelo homem. Ocorre, porém, como antigamente, que o homem não consegue sequer fazer as trocas de maneira igual, ou melhor, de maneira justa, pois no mercado de trocas há aquele que tem menos e precisa de mais, portanto, não pode ser tratado como aquele que tem mais poder de barganha. Entra em cena, no mercado mundial, um elemento importantíssimo do qual a globalização necessita urgentemente verter a sua atenção: a humanização dos mercados.

Por uma razão muito simples, não foi o homem que foi feito para o mercado, foi o mercado que foi feito para o homem. É para o homem, para o interesse dele como coletivo, que o mercado tem que dirigir a sua atenção. Se o lucro, finalidade maior das relações de mercado, for obtido de maneira concentrada, se uns poucos lucrarem às custas de outros, geralmente da maioria, então ele será perverso e excludente, passando a causar prejuízo, não financeiro, mas social. Esta é a variante mais importante das relações de mercado, ou seja, o lucro social. Porque o lucro na mão de poucos, já se tem provado pelos números da economia, é um lucro que fomenta a exclusão.

Que mudança então teria a globalização de hoje em relação à globalização do passado senão a escala dos lucros obtidos por uma minoria das nações; enquanto outras, a grande maioria, ficaria, quando muito, com as migalhas financeiras? Isto é desigual, é injusto, é desumano.

O homem precisa urgentemente, sob pena de ver crescer a violência e os distúrbios de toda ordem, humanizar o mercado. Não que o lucro deixará de ser gerado, isso não,

mas o lucro precisa ser melhor repartido, melhor distribuído com toda gente. Vai ter País, inclusive, que não vai dar nada nesta troca, vai somente receber, mas, mesmo assim, o todo, o conjunto das nações, sairá ganhando. Isso sim é a humanização da geração e destinação do lucro, o lucro social.

Quando falo sobre o social é porque vejo, por trás do social, gente de carne e osso, que pensa, que age, que tem necessidade, que é muito mais importante que o dinheiro, que não pensa, que não age por si só, que não possui necessidades. Quem existe, de fato, é o homem e não o dinheiro, logo, novamente chegamos à mesma conclusão de antes: o homem não foi feito para o dinheiro, o dinheiro – criação humana – é que foi feito para o homem, para todos os homens. Enquanto estivermos subtraindo de muitos a possibilidade de ter dinheiro para o suprimento de suas necessidades básicas, o mundo continuará nesta desarmonia, nesta bagunça sem fim.

Queria ver os nossos irmãos da Índia, da América Latina, da nossa mãe África, dos apartados da Ásia, terem os mesmos direitos que têm os ricos, e não era preciso muito luxo não, ter comida, ter onde morar, ter onde trabalhar. E que os governos garantissem o atendimento aos seus serviços básicos de manutenção social. Quando isto acontecerá?

Teimo em dizer que não será muito distante. As pessoas do mundo inteiro já estão percebendo que situações como o desemprego, a poluição, a concentração de renda, estão cada vez mais insustentáveis.

Como falar em desenvolvimento sustentável, palavra tão em voga nos dias de hoje, com tanta gente sem poder consumir os bens produzidos por este desenvolvimento? Se



é desenvolvimento, pela própria natureza do conceito, deve ser algo em que todos saiam ganhando permanentemente, daí ser sustentável.

Meus queridos irmãos, esta prédica, infelizmente, não vou parar de fazê-la, mesmo do lado de cá. Essa ladainha não é só minha, pelo contrário, há um grande movimento planetário para a redução drástica destas desigualdades. Já chegou o tempo de se dar um basta nesta situação toda. O homem precisa urgentemente despertar para o seu sentimento de coletividade, mais do que isso, para o seu sentimento de fraternidade. Lembrar, de uma vez por todas, que somos irmãos, porque, independentemente das raças, provemos de uma mesma fonte: Deus.

Queira Deus que possamos apressar estes dias. As cenas dantescas que vemos do lado de cá, da realidade do planeta, é incomparavelmente mais cruel do que as coberturas televisivas. Vemos no todo e vemos o pior, vemos as sombras agirem em comunhão com aqueles que querem ver implantar na Terra o desamor, a crença no anti-Deus, na predominância do mal. Como o amor cobrirá a multidão de pecados? Na boa lembrança do apóstolo Pedro<sup>26</sup>, será o amor que humanizará a Terra, não o amor de palavras, mas o amor de gestos, gestos largos, de ações efetivas, em que o homem enxergará finalmente a felicidade como razão direta da felicidade de seu irmão, isto é humanização, o querer efetivo da paz e da felicidade entre os homens. Este dia há de chegar, e se Deus quiser, não tardará.

Que Deus nos abençoe!

<sup>26</sup> IPe 4,8

## Capítulo 28

### *Receita da felicidade*

O que mais queremos na vida é ser feliz. Este é um desejo universal. De todas as partes, o homem busca incessantemente a satisfação das suas necessidades, busca não sofrer, busca a alegria, busca, enfim, aplacar seus sentimentos. É um desejo natural dos seres humanos. Para conseguir este tentame, porém, há que trabalhar nesta direção, caso contrário, em vez de felicidade nutrirá no seu caminho existencial somente desventuras.

Como conseguir a felicidade? Eis a pergunta que não se consegue calar. De todos os lados, receitas e mais receitas prontas são oferecidas a toda gente. Claro que a maioria delas contém os germens para se atingir a felicidade tão desejada. Há, porém, um caminho que se revela infalível e que foi ensinado pelo Nosso Senhor Jesus Cristo: a prática do amor.

O amor é a síntese dos sentimentos humanos. Toda a razão de ser do homem concentra-se na experiência maravilhosa do amar. Não o amor piegas, o amor meloso, que tem lá as suas vantagens, mas o amor pleno, o amor universal a toda criação de Deus. Quando amamos nos realizamos interiormente. Quando amamos de verdade começamos a externalizar sentimentos nobres para com todos que cruzarem o nosso caminho. Somente quem ama